

## Quantas mulheres há em Clarice Lispector? estudo sobre *Felicidade Clandestina e Laços de Família*

Keyla Macena<sup>i</sup>

**Resumo:** Este artigo tem como objetivo analisar e compreender as descrições de mulheres, traçando um percurso aparentemente cronológico, a partir de personagens presentes em cinco contos de Clarice Lispector, sendo eles: *Felicidade Clandestina*, *Preciosidade*, *Águas do mundo*, *Amor e Feliz Aniversário*, a fim de entender as trajetórias femininas narradas e os papéis destinados às mulheres do século XX. Para isso, adotamos como metodologia a revisão da literatura especializada em história das mulheres e, de fortuna crítica, trabalhos e autores que têm como elementos centrais as obras de Clarice Lispector. Fundamentamos, então, o nosso estudo em Benjamin Moser (2016), Antônio Cândido (1970) e Michelle Perrot (2019), com a finalidade de compreendermos as características presentes na escrita de Lispector, bem como analisar de que forma ela transpõe as vivências das mulheres em seus textos.

**Palavras-chave:** Literatura Brasileira. Clarice Lispector. Análise de Contos. História das Mulheres.

### *How many women are there in Clarice Lispector? study about Felicidade Clandestina and Laços de Família*

**Abstract:** This article aims to analyze and understand the descriptions of women, tracing an apparently chronological path, based on characters present in five short stories by Clarice Lispector, namely: *Felicidade Clandestina*, *Preciosidade*, *Águas do mundo*, *Amor e Feliz Aniversário*, in order to understand the narrated female trajectories and the roles intended for women of the 20th century. For this, we adopted as a methodology the review of the literature specialized in the history of women and, of critical fortune, works and authors whose central elements are the works of Clarice Lispector. We based, then, our study on Benjamin Moser (2016), Antônio Cândido (1970) and Michelle Perrot (2019), in order to understand the characteristics present in Lispector's writing, as well as to analyze how it transposes the experiences of women in their texts.

**Keywords:** Brazilian Literature. Clarice Lispector. Short stories Analysis. History of Women.

Submetido em: 29 set. 2020

Aprovado em: 18 nov. 2020



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons  
Compartilha Igual 4.0 Internacional  
DLCV – Língua, Linguística & Literatura

ISSN 1679-6101  
EISSN 2237-0900

---

<sup>i</sup> Graduanda em Letras com licenciatura plena em Português e Inglês pela Faculdade Frassinetti do Recife (FAFIRE) e em Pedagogia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Bolsista CAPES no Colégio de Aplicação da UFPE, com o subprojeto “Multiletramento na sala de aula: práticas de leitura e escrita de gêneros multimodais” (2019) e Pesquisadora na área de Educação do Núcleo de Pesquisa e Iniciação Científica da FAFIRE (NUPIC), com projetos acerca de formação de professores, cultura étnico-racial e literatura brasileira. Integra os grupos Dialogando com quem dialoga com Paulo Freire (FAFIRE) e o Grupo de Pesquisa Educação, Currículo na contemporaneidade (GPECC/UFPE). Tem experiência na área de Letras com ênfase em Língua Portuguesa e Literatura brasileira. E-mail: keylamacena@gmail.com.

*E dentro na nebulosidade algo precioso. Que não se espreguiçava, não se comprometia, não se contaminava. Que era intenso como uma joia. Ela.*

(Clarice Lispector)

## INTRODUÇÃO

Clarice Lispector ultrapassa a ficção em seus romances. A autora revela vivências, sentimentos e sensações, busca retratar da forma mais real e íntima o que observa e vive. E assim não é diferente em seus contos, onde, apesar de curtos e centrais, como pressuposto do gênero, Lispector consegue abarcar o mundo, propondo reflexões precisas e representações fiéis e conflitantes.

É sabido que a literatura representa, para parte do público leitor, algo mais que uma mera diversão, pois contribui para a interpretação do mundo a partir da formação de um imaginário capaz de “criar” personalidades ou percepções sobre os diferentes tipos de pessoas.

Desse modo, entrelaçamos a importância de se reconhecer e criticar as construções e estereótipos das mulheres, a partir da literatura, com o que propõe Virginia Woolf (2018), estudar a literatura de autoria das mulheres de forma a conhecer suas vivências e valorizar as dificuldades que as mulheres do século XX, que, assim como Clarice Lispector, possuíam pretensões intelectuais, precisavam enfrentar.

Foi nessa perspectiva que se pretendeu investigar a representação das mulheres na ficção a partir das próprias mulheres, visto que Clarice Lispector colocava muito de si enquanto ser humano nas literaturas que escrevia.

Sendo assim, este trabalho objetiva analisar e compreender as descrições de mulheres em cinco contos da autora, contidos nas obras *Felicidade Clandestinae Laços de Família*<sup>1</sup>, a fim de entender as trajetórias femininas narradas e as concepções e papéis destinados às mulheres do século XX.

Para isso, adotou-se como metodologia a revisão da literatura especializada em história das mulheres e, de fortuna crítica, trabalhos e autores que têm como elementos centrais as obras de Clarice Lispector. Fundamentamos, então, o nosso estudo em Benjamin Moser (2016), Antônio Cândido (1970) e Michelle Perrot (2019), com a finalidade de

---

<sup>1</sup>Publicados respectivamente em 1971 e 1960.

compreendermos as características presentes na escrita de Lispector, bem como analisar de que forma ela transpõe as vivências das mulheres em seus textos, aqui analisados.

## ESCRITORA OU LEITORA?

Antes de tudo, mulher. Clarice Lispector viveu em muitos lugares diferentes. Nascida na Ucrânia, veio para o Brasil e depois passou por outros tantos países com seu esposo diplomata. E ela sabia transpor para o papel todos os desejos, angústias e experiências que lhe marcavam ou perturbavam, enquanto mulher e estrangeira em tantas nações diferentes.

É como relata por meio de uma de suas personagens no livro *A paixão Segundo G.H.*: “Terei de criar sobre a vida. E sem mentir. Criar sim, mentir não. Criar não é imaginação, é correr o grande risco de se ter a realidade” (1998, p. 21). Apesar de ser autora, apesar de escrever romances e contos fictícios, Lispector entendia que criar é considerar contextos e aprendizados. Pois, conforme Moser (2016, p.12), “falar de Clarice Lispector é falar de Clarice, um simples nome pelo qual é universalmente conhecida; é falar da mulher em si”.

A personalidade de Clarice Lispector enquanto escritora confunde-se muito com as de suas leitoras que, assim como ela, são mulheres brancas e burguesas do Século XX, donas de casa, mães de família que encontravam refúgio nas leituras ou, na verdade, encontravam-se nas personagens. Porque “se Clarice Lispector era uma grande artista, também era esposa e mãe de classe média. Se o retrato da artista extraordinária é fascinante, o mesmo se pode dizer do retrato da dona de casa comum” (MOSER, 2016, p. 13).

Por isso, para compreender a letra de Clarice é necessário conhecer, ainda que breve, sua vida e sua forma de escrever. Clarice Lispector veio para o Brasil em 1922, mais precisamente para Alagoas, após um período de acontecimentos conturbados, após o assassinato do avô, sua mãe ter sido violentada e seu pai ser exilado. Entretanto, Lispector e sua irmã, Elisa, sempre tiveram muito apoio do pai para estudar e crescer intelectual e profissionalmente, pois, além de possuir ideias liberais, ele próprio não havia conseguido se dedicar aos estudos por conta do antissemitismo (MOSER, 2016).

Então, Clarice Lispector estuda no Rio de Janeiro, local em que residia, e posteriormente inicia o curso de direito na Faculdade Nacional de Direito, enquanto trabalha como redatora na Agência Nacional. Dedicava-se, paralelamente, a diferentes leituras de autores hoje consagrados, como Machado de Assis e Graciliano Ramos; à faculdade e à vida jornalística (CAMPADELLI; JUNIOR, 1988).

Ainda na faculdade, segundo Campadelli e Junior (1988), conhece Maury Valente, com quem se casa. Ele se torna diplomata e Clarice o acompanha, morando por 15 anos fora do Brasil. Apesar de ter sido mãe, esposa e dona de casa, Clarice Lispector se destacou já no início de sua carreira com a publicação de *Perto do Coração Selvagem*(1943), que foi muito bem recebido pela crítica, ainda que ela tivesse afirmado que já tinha programado para si uma vida árdua enquanto escritora, já que era assim para as mulheres escreviam em sua época. Entretanto, seu biógrafo, Moser (2020, p. 19), traz a lume que,

Em termos puramente financeiros, seu casamento representou uma ascensão. Clarice nunca foi rica, mas, enquanto esteve casada, não precisou trabalhar em nada que não fosse o ofício de escrever. [...] Tinha dois filhos, mas também contava com ajuda doméstica o tempo todo. Isto significava algumas horas livres todos os dias: um teto todo seu<sup>2</sup>.

Lispector muito escreveu, teve uma vasta obra, que conta com crônicas, romances, contos, entre outros. Sua obra – no sentido mais amplo da palavra – apresenta algumas particularidades, que já foram percebidas e elogiadas desde a sua primeira publicação. Ao falar sobre a escrita de Lispector, Candido (1970, p.131) reforça que a autora sabe “transformar em valores palavras nas quais muitos não veem mais do que sons e sinais”, ou seja, a literata sabe incorporar temas e sensações importantes aos seus escritos, de modo que deixem de ser apenas signos. Para o teórico, Clarice Lispector soube explorar as complexidades presentes nos dias e nas pessoas e transpô-las em suas obras. Deste modo, Clarice “Senti que existe uma certa densidade afetiva e intelectual que não é possível exprimir se não procurarmos [...] criar imagens novas, novos torneios, associações diferentes das comuns e mais fundamente sentidas” (CANDIDO, 1970, p. 128).

Em consonância com Candido, Bosi (2017) tratará do cunho intimista que Clarice Lispector carrega em seus escritos. Ele explica que a autora traz em seus textos estruturas complexas e abstratas, que apresentam “tal exacerbação do momento interior” (p.452), de modo que sua subjetividade está a todo o momento escrita e explícita.

A vida e as obras de Clarice Lispector se misturam e nos apresentam as mulheres que dantes eram desconhecidas. A autora de *Laços de Família* abre um caminho para outras escritoras, revelando o que tem em si mesma por meio de suas produções, de forma que Moser (2016, p. 13) reconhece da seguinte maneira:

---

<sup>2</sup>Referência à obra e proposição, de título homônimo, de Virgínia Woolf que diz que a mulher precisa de dinheiro, tempo e espaço se quiser seguir uma carreira intelectual.

À medida que a artista amadurece, a dona de casa envelhece. Quando Clarice é uma adolescente desafiadora e consciente do seu potencial – artístico, intelectual, sexual – as moças dos seus contos também o são. Quando, em sua própria vida, o casamento e a maternidade substituem a menina precoce, seus personagens também amadurecem.

## TRAJETÓRIAS FEMININAS EM LAÇOS DE FAMÍLIA E FELICIDADE CLANDESTINA

É dessa perspectiva que surge a proposição central desse artigo, revelar o percurso feminino, muitas vezes trilhado, a partir de contos que retratam a infância, a adolescência, a juventude da mulher que está se conhecendo, a casada e mãe de família e, por fim, a idosa matriarca. Trata-se, então, dos contos *Felicidade Clandestina*, *Preciosidade*, *Águas do Mundo*, *Amor* e *Feliz Aniversário*.

Entretanto, para se entender representações das mulheres e analisar esses contos, é necessário fazer um movimento anterior que nos permita perceber quanto e como as mulheres foram escritas ao longo da história.

Perrot afirma que as mulheres são muito descritas e representadas por meio de diferentes formas de arte, que há

Um excesso de discursos sobre as mulheres, avalanche de imagens, literárias ou plásticas, na maioria das vezes obra dos homens, mas ignora-se quase sempre o que as mulheres pensavam a respeito, como elas viam ou sentiam (PERROT, 2019, p. 22).

Deste modo, a escolha de contos de Clarice Lispector foi proposital e necessária, para que se compreenda a mulher a partir de suas próprias perspectivas, sentimentos, conflitos e representações, como bem nos indaga Perrot (2019, p. 24) em relação às mulheres e suas diferentes descrições: “O que se diz sobre sua vida e seus desejos?”.

Lispector sabia descrever vidas e sentimentos como poucos, desde sentimentos primários e simples, como os que as crianças sentem, já que, como mencionado anteriormente, além de grande literata, era mãe; até angústias mais profundas que as mulheres enfrentavam em momentos de descoberta, como na perda da virgindade ou no autoconhecimento. Então, Clarice Lispector utilizou de suas personagens para representar as mulheres que, enquanto suas leitoras, também se identificavam com as situações, tanto as expressas nos contos, como as contadas em suas crônicas publicadas em jornais.

Posto isso, Pesavento (2008) explica que representar é se encontrar no lugar do outro, é apresentar novamente, a fim de tornar a presença possível. E complementa que

As representações são também portadoras do simbólico, ou seja, dizem mais do que aquilo que mostram ou enunciam, carregam sentidos ocultos, que construídos social e historicamente, se internalizam no inconsciente coletivo e se apresentam como naturais, dispensando reflexões. (PESAVENTO, 2008, p. 41).

Isso significa que a formação de um imaginário passa pelas representações proporcionadas pela leitura literária, pois é a partir dela que os acontecimentos e personificações do real se refletem na arte escrita.

Assim, Clarice Lispector ganha o mundo e revela as mulheres ao mundo, pois, como explica Moser (2016, p. 16), “na literatura do idioma que ela escrevia, o tema da mulher moderna era tão inexistente quanto as próprias mulheres escritoras”. Pensa-se nisso em todos os sentidos, desde a menina, a criança que tem seus próprios pensamentos e sensações à mulher madura e mãe, por isso, para além das literaturas infantis que já trabalhavam com personagens crianças, mas, muitas vezes, não revelavam a profundidade existente nos pequenos, é que se escolhe trabalhar com a menina representada em *Felicidade Clandestina*.

O conto está presente na coletânea de título homônimo e trata de uma garota que gostava de ler e queria muito conhecer a obra *Reinações de Narizinho* de Monteiro Lobato. Para isso, ela pede emprestado à outra colega, cujo pai era dono de livraria, que disse que emprestaria o volume para a menina, entretanto, durante dias, toda a vez que ela ia pegar o livro emprestado, a menina afirmava que não estava com o livro, que já tinha emprestado para outra pessoa, etc., e, assim, toda a vez que a protagonista ia à casa da garota, o livro nunca estava disponível para ela, até que a mãe da menina descobre a crueldade e o empresta para a garotinha pelo tempo que ela quisesse.

Ao descrever a personagem que possuía o livro, a narradora complementa falando de sentimentos intrínsecos que a menina poderia ter, apesar de, assim como ela, ser uma criança:

Mas que talento tinha para a crueldade. Ela toda era pura vingança, chupando balas com barulho. Como essa menina devia nos odiar, nós que éramos imperdoavelmente bonitinhas, esguias, altinhas, de cabelos livres. Comigo exerceu com calma ferocidade o seu sadismo. Na minha ânsia de ler, eu nem notava as humilhações a que ela me submetia: continuava a implorar-lhe emprestados os livros que ela não lia (LISPECTOR, 2016, p. 393).

Então é perceptível que as personagens são encaradas desde o início como seres humanos complexos, que possuem diferentes desejos e sentimentos, são mulheres cujo corpo transborda de raiva ou paixão. Isso fica muito retratado no momento em que a garota fala do livro e de como se deveria viver com ele, personificando o objeto, tratando-o como algo indispensável para se viver, como algo essencial para que desfrutasse de maneira plena da vida. Ela diz que “era um livro grosso, meu Deus, era um livro para se ficar vivendo com ele, comendo-o, dormindo-o. E completamente acima de minhas posses”, quando ela recebe a resposta positiva em relação ao pedido de empréstimo, relata que “eu me transformei na própria esperança da alegria: eu não vivia, eu nadava devagar num mar suave, as ondas me levavam e me traziam” (LISPECTOR, 2015, p. 393-394).

No entanto, a garota não empresta de imediato o livro, ao contrário, faz “joguinhos”, dita ordens para que a menina volte no dia seguinte, diz que não está com o livro que já emprestou para outra pessoa, como se esse objeto representasse um poder que ela tinha e poderia agir sobre outros. Beauvoir (2016) quando está falando da infância da mulher, afirma que para se sentir especial e importante, as meninas desejam ser como a mãe, pois ser matronal transmite a percepção de privilégio e reinado. E isso é, de certa maneira, reforçado quando a mãe da garota aparece e empresta o livro para a menina, de modo que a filha não expressa objeção alguma.

Após pegar o livro emprestado, a menina retrata alguns momentos ao lado do livro, momentos de alegria, de prazer, de felicidade clandestina e revela que “não era mais uma menina com um livro, era uma mulher com seu amante”. (LISPECTOR, 2016, p. 396). Clarice Lispector nos coloca diante de algo que não costumamos refletir, o fato de que ainda que criança, ela era uma mulher, ela era uma pessoa, só que pequena.

O modo como ambas as meninas retratadas no conto são apresentadas demonstra que a escrita de Clarice é precisa, certa e importante para se entender o mundo e as diversas fases vividas pela mulher, pois, segundo Perrot (2019, p. 43), “não é fácil delinear a vida real das meninas. Elas passam mais tempo dentro de casa, são mais vigiadas que seus irmãos, e quando se agitam muito são chamadas de endiabradas” e Lispector trabalha as diferentes personalidades e potencialidades da criança mulher em seu tão belo conto.

Já em *Preciosidade*, conto de *Laços de Família*, a garota adolescente que está coberta de inseguranças e passa a viver novas experiências, principalmente experiências transitórias, começa a nos aparecer. A personagem é uma garota virgem, de 15 anos, que irá amadurecer ao longo do conto, principalmente com a perda de sua virgindade, é a transição da mocidade

para uma “vida de mulher”. Essa narrativa carrega o que Fukelman (2020, p. 132) denomina de “a condição feminina das camadas médias e dilemas da puberdade”.

Apesar de insegura, magra e não tão bonita, a personagem chama atenção dos rapazes e tem medo de ser vista ou tocada, medo de perder a sua preciosidade. Já que, conforme Perrot (2019, p. 64), o corpo da mulher deveria “ser protegido, fechado e possuído. Daí a importância atribuída ao hímen e à virgindade. [...] Faz da castidade e do celibato um estado superior”. Entretanto, seus sapatos de madeira faziam muito barulho, uma metáfora para se referir as características de mulher que brotavam na menina e direcionam para ela toda sorte de olhares.

A protagonista tem medo de ser percebida, tem medo dos garotos que a possam olhar ou até desejá-la, tem receio de mudar o seu estado atual, conforme mostrado no trecho:

Mas também de rapazes tinha medo, medo também de meninos. Medo que lhe “dissem alguma coisa”, que a olhassem muito. [...] Como se tivesse prestado voto, era obrigada a ser venerada, e, enquanto por dentro o coração batia de medo, também ela se venerava, ela, a depositária de um ritmo. (LISPECTOR, 2020, p. 78).

É perceptível não só um medo dos meninos, dos toques e comentários, mas da possível mudança que pode acontecer com ela e com a vida. Há uma angústia que lhe faz querer permanecer intocada e preciosa, não deseja dividir com outrem sua intimidade, por isso, ao final, deseja sapatos novos, porque não quer chamar atenção.

Perrot (2019, p. 64) explica que “a virgindade é um valor supremo para as mulheres e principalmente para as moças”. Justamente porque, segundo Beauvoir (2016, p. 124), “O erotismo da mulher é muito mais complexo e reflete a complexidade da situação feminina”.

Mas, apesar de ser magra e feia – como descrita pelo narrador – a garota é tocada e, conseqüentemente, mudada. Pede sapatos novos, porque há, após a experiência, um amadurecimento. Uma mudança que lhe assustava inicialmente e, posteriormente, revela algo corriqueiro do cotidiano que é, a certo ponto, inevitável, além de acabar corroborando um crescimento involuntário na própria personagem.

Sobre essa transição na vida da mulher que se dá a partir da perda da virgindade, Beauvoir (2016, p. 133) aponta que

De uma maneira geral, toda ‘passagem’ é angustiante por causa de seu caráter definitivo, irreversível: tornar-se mulher é romper sem apelo com o passado, mas essa passagem é a mais dramática; não cria somente um hiato entre o ontem e o amanhã, mas arranca também a jovem do mundo

imaginário em que se desenrolava parte importante de sua existência e a joga no mundo real.

E é nesse sentido que Lispector (2020, p.88) encerra o conto, narrando que “ela deixou [...] de ser preciosa. [...] E ela ganhou sapatos novos”. Ou seja, a garota deixa para trás a sua vida de menina, o segredo que escondia e se descobre enquanto uma mulher.

O conto *Águas do Mundo*, alocado em *Felicidade Clandestina*, está um pouco ligado ao analisado anteriormente, pois ao retratar uma mulher que está se descobrindo, tentando entender seu lugar no mundo, já inicia com uma proposição filosófica e poética que nos traz a mulher como um ser misterioso que precisa encontrar-se em seu interior. Lispector (2016, p. 425) escreve:

Aí está ele, o mar, a mais ininteligível das existências não humanas. E aqui está a mulher, de pé na praia, o mais ininteligível dos seres vivos. Como ser humano fez um dia uma pergunta sobre si mesmo, tornou-se o mais ininteligível dos seres vivos. Ela e o mar. Só poderia haver um encontro de seus mistérios se um se entregasse ao outro: a entrega de dois mundos incognoscíveis feita com a confiança com que se entregariam duas compreensões.

Trata-se de um lugar de intimidade, em que a mulher se pensa enquanto um ser que faz parte da natureza, um ser complexo e, talvez, até infinito como o mar. A mulher enquanto uma pessoa intensa e que está em constante movimento consigo mesma, buscando conhecer-se em seu próprio interior.

Deste modo, Cândido, ao falar da escrita de Clarice Lispector, afirma que ela

Aceita a provocação das coisas às sua sensibilidade e procura criar um mundo partindo das suas próprias emoções, da sua própria capacidade de interpretação. Para ela, como para outros, a meta é, evidentemente, buscar o sentido da vida, penetrar no mistério que cerca o homem (CANDIDO, 1970, p. 128).

Assim é durante todo o texto, que foge de uma narrativa tradicional com uma ação central e personagens, e se converte em um típico monólogo, em que o narrador onisciente está a todo o momento relatando o que rodeia a personagem, como o mar, um cachorro, etc., fazendo ligação entre o que observa na natureza com os sentimentos e as sensações de liberdade e prazer.

Nesse conto, Lispector apresenta para o leitor sensações de desconhecimento sobre si mesma e o processo de autoconhecimento que se manifesta em frases como “o caminho lento aumenta sua coragem secreta. E, de repente, ela se deixa cobrir pela primeira onda”

(LISPECTOR, 2016, p. 426). Ao mesmo tempo em que a personagem vai adentrando a imensidade do mar e se misturando com aquela natureza, ela vai criando coragem sobre a vida e se descobrindo enquanto mulher e ser humano.

É perceptível que há um tom erótico no conto, afinal, o sexo faz parte da descoberta de si mesmo, apresenta um pouco da animalidade presente no ser humano e revela de modo mais profundo a intimidade consigo mesmo e com o outro. Acerca disso, Novaes (2017, p.75) afirma que

O universo de *As Águas do Mundo*, construído pelo narrar, nos é apresentado envolto em um erotismo intenso, sendo a linguagem primordial no sentido de estruturar o panorama em que despontam as cenas alusivas à sexualidade. [...] A mulher é assinalada pela fragilidade e inquietação, expressas pelo desejo de conhecer a si mesma, fato que contribui para estruturar o perfil de complexidade e mistério da personagem.

Há uma epifania expressa no texto, que deixa ainda mais explícito o desejo de autoconhecimento, a entrega para o desconhecido e o mistério envolto na personagem. Em muitos textos Lispector utiliza-se desse recurso para adentrar de maneira mais profunda no psicológico e nas vivências das personagens, sendo assim, a epifania é importante para a narrativa e para o autoconhecimento de suas personagens, pois o momento de epifania pode ser visto como uma forma de transcender o real, mostrando na protagonista uma mudança intensa e irrevogável (NOVAES, 2017).

Em se tratando do conto *Amor*, teremos como protagonista a Ana, que é uma mulher feita, casada e dona de casa, dedica-se a família e faz tudo isso com muito esmero; limpa, passa e cozinha, todo dia o mesmo movimento, suas obrigações são sempre cumpridas. Por isso que esse conto integra a coletânea *Laços de Família*, que, conforme Campedelli e Junior (1988, p.42), “Clarice Lispector procura registrar, nesses contos, o processo de aprisionamento dos indivíduos através dos ‘laços de família’ de sua ‘prisão’ doméstica”.

A protagonista do conto sai em uma tarde para fazer compras, aquela tarde que Lispector aponta como um momento perigoso, pois “a personagem cessa seu trabalho repetitivo que lhe dá movimento e pode começar a refletir sobre o significado de sua vida” (CAMPEDELLI; JUNIOR, 1988, p.42), é o momento em que Ana pode ter seus devaneios e divagar sobre acontecimentos e sonhos. E é nessa tarde perigosa que isso realmente acontece, pois ela observa um cego mascando chicletes e é confrontada por essa imagem de uma pessoa que está na escuridão, fazendo movimentos mecânicos. Conforme Campedelli e Junior (1988, p. 46):

Trata-se de uma angústia profunda, de uma forma de revelação que leva a personagem a romper com o cotidiano. Sua libertação é de caráter sentimental: procura, então, nessa perspectiva, solidarizar-se com uma realidade mais ampla, onde coexistem aspectos contraditórios da vida.

É nesse momento de empatia com o cego, que Ana se descobre semelhante a ele e é confrontada por diferentes realidades. No momento em que ela percebe o quão mecânica e irrefletida é sua vida, o bonde em que está dá uma abrupta arrancada e faz com que os ovos que havia comprado se quebrem, de modo que pode ser uma alusão a ruptura na vida da própria personagem, pois “mesmo as coisas que existiam antes do acontecimento estavam agora de sobreaviso, [...] o mundo se tornara de novo um mal-estar. Vários anos ruíam, as gemas amarelas escorriam” (LISPECTOR, 2020, p. 20).

Perdida em seus devaneios, a personagem acaba parando no Jardim Botânico, local em que se encontra a natureza e o seu íntimo, sente-se livre, é tanto que quando se dá conta da hora, já é noite e se lembra das crianças, “diante das quais se tornara culpada” (LISPECTOR, 2020, p. 23), e resolve então voltar para a sua casa, sua vida e sua família, já que, conforme Fukelman (2020, p.134), Ana “participa do esquema familiar de dependência do marido e do jugo aos afazeres domésticos”, ainda que carregue consigo todo o amor por seus familiares.

“De volta a casa, o ruído do fogão que explode suas aspirações artísticas juvenis e a recoloca na função de mãe, esposa e administradora do lar” (FUKELMAN, 2020, p.133). De forma que abraça o seu destino de mulher-mãe do Século XX naquele momento e tem a confirmação, ao ter a mão segurada pelo marido, de que aquela era sua vida, “levando-a consigo sem olhar para trás, afastando-a do perigo de viver” (LISPECTOR, 2020, p. 27).

Mulher, viúva, avó, matriarca. Assim se define a protagonista do conto *Feliz Aniversário*, que é uma idosa muito bem escrita, apesar de Perrot (2019, p.49) afirmar que “a velhice das mulheres se perde nas areias do esquecimento”, já que podemos nos perguntar: “o que sealaria de uma mulher que não é mais ativa profissionalmente? O que escrever sobre uma pessoa que não tem mais sexualidade aparente?” Lispector nos responde brilhantemente ao relatar toda uma carga de vida que se faz visível em uma festa de aniversário com todos os familiares reunidos.

A personagem desse conto é a Dona Anita, uma mulher que está aniversariando, no auge dos seus 89 anos, então sua filha resolve fazer uma festa de aniversário para comemorar e convida todos os familiares – filhos, noras e netos. Deste modo, Clarice Lispector narra mais um evento comum na vida familiar das pessoas e vai descortinando o que está intrínseco em um simples evento corriqueiro, algo que chamou atenção em Antonio Candido no início

da carreira da autora, quando disse que “a descoberta do cotidiano é uma aventura sempre possível, e o seu milagre, uma transfiguração que abre caminho para mundos novos” (CANDIDO, 1970, p. 128).

Apesar da idade da personagem e do evento em si, ela não fingia ser quem não era, não fingia ter gratidão por uma festa de aniversário que não superaria a ausência familiar ao longo dos outros 364 dias do ano. Ele é uma idosa que carrega consigo tristeza, rancor e outros sentimentos que revelam a humanidade de uma senhora, que apesar da idade, estava em ótimas condições mentais, capaz de entender o que lhe rodeava e até se questionar sobre como criou seus filhos.

Dias e Felix (2009, p. 3) explicam que

Mesmo no auge dos seus cabelos brancos, D. Anita não escondia o desgosto para com os filhos e enteados e era talvez a única que não estava representando um papel, uma farsa. Permanecia mórbida, furiosa e infeliz porque sabia que na íntegra todos se aproveitaram do momento do aniversário para disfarçar a falta de cuidado e de carinho por ela.

Essas sensações da personagem são evidenciadas no momento em que surpreende aos seus familiares, principalmente uma nora que fala sobre a força da idosa, ao cortar o pedaço de bolo. Como pode ser observado na seguinte citação: “E de súbito a velha pegou na faca. E sem hesitação, como se hesitando um momento ela toda caísse para a frente, deu a primeira talhada com punho de assina” (LISPECTOR, 2020, p.55).

Outro momento do conto, em que a D. Anita demonstra seu descontentamento com aquela família, com as relações hipócritas, com os frágeis e falsos laços de família, é quando ela cospe no chão, atraindo a atenção de todos os seus familiares para si, a fim de expressar o quão desgostosa está de ficar naquele ambiente cheio de gente que, efetivamente, não dá a mínima para ela, já que estavam fazendo “a festa sozinhos”.

Indignada a personagem pergunta em seu íntimo: “como? Como tendo sido tão forte pudera dar à luz aqueles seres opacos, com braços moles e rostos ansiosos? Ela, a forte, que casara em hora e tempo devidos com um bom homem” (LISPECTOR, 2020, p. 57). É evidente, durante o conto, que a protagonista está desapontada consigo e com sua família, está abandonada e negligenciada por aquelas pessoas que fingem estar preocupados com ela, quando estão apenas usufruindo o que sua filha Zilda organizou.

Até que ela não consegue mais guardar para si esse descontentamento e, ao ser chamada de vovozinha por uma de suas netas, responde: “Que vovozinha que nada! [...] Que o diabo vos carregue, corja de maricas, coros e vagabundas” (LISPECTOR, 2020, p. 58).

Ao final da festa de aniversário, após todo tipo de surpresas negativas, rancor, confissões e desgostos, todos vão embora e Dona Anita, deixada na cabeceira da mesa, percebe que ainda não havia jantado.

A maior crítica desse conto, para além da riqueza de retratar tão bem os sentimentos de uma idosa com uma carga de vida, que passou por perdas, que se via envelhecendo e sendo esquecida por seus filhos, é a hipocrisia presente nas relações familiares e como isso pode afetar até aqueles que nos amam de maneira profunda. Sendo assim, Dias e Felix (2009, p. 5) pontuam de maneira acertada:

Nesse jogo de aparências, percebe-se então que o idoso passa a ser um peso, quando não um problema para aqueles seres, que ocupados com suas vidas, com o dinheiro e a atual família, desprezam aqueles que lhes proporcionaram a vida. E, em meio a esta agitada sociedade, as atuais gerações não mais têm tempo para cuidar e se preocupar com seus velhos.

Ao analisarmos os contos escolhidos, como foi proposto, de maneira linear, percebemos que eles narram uma vida inteira, perpassando as fases da infância, adolescência, juventude, fase adulta e a velhice. De forma que temos – por meio da escrita de Clarice Lispector – possíveis visões e interpretações das vidas de mulheres em diferentes momentos, que carregam consigo, experiências, sensações, angústias e novas descobertas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao propor um diálogo entre contos de *Laços de Família* (1960) e *Felicidade Clandestina* (1971), nosso objetivo era mostrar por meio de possíveis acontecimentos cronológicos da vida da mulher, como elas são vistas e representadas, entretanto, a escolha por contos de Clarice se dá para que se compreenda e se revele o intrínseco e o pensado por meio das próprias mulheres.

Constatamos que, apesar de distintas, apesar da inexistência de uma feminilidade natural, as mulheres têm muito em comum no modo de pensar e agir e ansiavam, a todo o momento, por uma liberdade que, muitas vezes, se refletiria em suas obras artísticas, como é o caso de Clarice Lispector.

Desejamos, contudo, que esse artigo tenha sido proveitoso e enriquecedor para não só compreender a obra da grande literata, como para se interpretar e entender as representações das mulheres no Século XX, considerando o contexto em que a autora vivia, já que as personagens narradas por Lispector conversam, complementam-se e entendem-se.

Posto isso, cremos que o melhor jeito de encerrar esse artigo é por meio de uma frase de Moser (2016, p. 12) que define exatamente Clarice Lispector e sua obra: “A sua é uma arte que nos faz desejar conhecer a mulher; e ela é uma mulher que nos faz querer conhecer a sua arte”.

## REFERÊNCIAS

- BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo: a experiência vivida*, vol. 2. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 2017.
- CAMPEDELLI, Samira Youssef; ABDALA JUNIOR, Benjamin. *Literatura comentada: Clarice Lispector*. São Paulo: Nova Cultural, 1988.
- CANDIDO, Antonio. No raiar de Clarice Lispector. In: CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 1970.
- DIAS, Maria Aparecida do Nascimento; FÉLIX, Marília Araújo. Sentimento de abandono na maturidade Feminina: uma análise do conto *Feliz aniversário* de Clarice Lispector. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL CIDADANIA CULTURAL, 4. *Anais do IV Colóquio Internacional Cidadania Cultural: diálogos de gerações*. Campina Grande: Editora EDUEPB, 2009.
- FUKELMAN, Clarisse. Na dobra do laço, na beira do nó. In: LISPECTOR, Clarice. *Todos os contos*. Rio de Janeiro: Rocco, 2016.
- LISPECTOR, Clarice. *Laços de família*. Rio de Janeiro: Rocco, 2020.
- LISPECTOR, Clarice. *Todos os contos*. Rio de Janeiro. Rocco, 2016.
- LISPECTOR, Clarice. *A paixão segundo G.H.* Rio de Janeiro. Rocco, 1998.
- MOSER, Benjamin. Glamour e gramática. In: LISPECTOR, Clarice. *Todos os contos*. Rio de Janeiro: Rocco, 2016.
- NOVAES, Nayara Marylandy Saraiva. *O erotismo em Felicidade Clandestina, As Águas do Mundo, O Menino e As Cerejas: diálogos entre Clarice Lispector e Lygia Fagundes Telles*. Universidade Federal de Uberlândia. 2017.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História e história cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. São Paulo: Contexto, 2019.
- WOOLF, Virginia. *Profissões para mulheres e outros artigos feministas*. Porto Alegre: L&PM, 2018.